

Ciência exata, solução dos EUA, é um problema para japoneses

O que é um dilema para o ensino atual do Japão é a solução para a educação nos Estados Unidos. Preparando-se para o Século XXI, as duas superpotências investem em reformas educacionais totalmente opostas: depois de quatro décadas priorizando as ciências exatas, o Japão volta-se agora para as ciências humanas. Os Estados Unidos apostam tudo nas ciências exatas.

O professor Masanori Fukushima — membro do Conselho de Ciências do Japão — disse que aquele país atingiu um estágio de desenvolvimento no qual a evolução tecnológica é mais veloz do que a capacidade de a sociedade assimilá-la. O diagnóstico de que para preparar o Japão para o Século XXI o ensino necessitava de reformulação foi obtido através de uma pesquisa abrangendo todas as entidades de ensino.

Como país, o Japão havia conseguido atingir a meta de ocupar posição de destaque no Mundo. Mas isso às custas da criação de uma espécie de casta formada pelos que conseguiram acompanhar esse desenvolvimento. O sistema

educacional, explicou o professor Fukushima, não foi capaz de elevar o nível da população como um todo, apesar de o Japão investir US\$ 290 bilhões anualmente em educação — algo equivalente a 12% do seu PIB (Produto Interno Bruto) ou 75% do PIB do Brasil.

Nos Estados Unidos, o problema é exatamente inverso. Segundo o Presidente do Columbia College Corporation, Alex de Jorge, todos os esforços concentram-se na estruturação de um sistema educacional que permita aos Estados Unidos se sobressaírem entre as principais potências econômicas e tecnológicas.

De Jorge disse que, em um documento intitulado “A nação em Risco”, o Secretário Federal de Educação fez uma avaliação que preocupou as autoridades responsáveis pela educação em cada Estado (naquele País os Estados são autônomos). Ele afirma que as ciências exatas foram abandonadas e, por isso, o País não conta com o sistema educacional necessário para que se mantenha como uma potência mundial no Século XXI.